

A TORRE NEGRA

STEPHEN KING

A TORRE NEGRA

A TORRE NEGRA

LIVRO 7

Tradução de
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Aquele que fala sem um ouvido atento é mudo.
Por isso, Leitor Fiel, este último livro do ciclo da *Torre Negra*
é dedicado a si.
Longos dias e noites agradáveis.

*Não ouvir? Se havia ruído em toda a parte! O som dobrava
Como o dos sinos. Nomes nos meus ouvidos
Dos aventureiros perdidos, os meus companheiros —
Como um era forte, outro audaz,
E outro tão afortunado, porém cada um deles
Perdido, perdido! Um instante trazia a dor dos anos.*

*Ali estavam eles, enfileirados nas encostas, reunidos
Para verem o meu fim, um vulto vivo
Para mais um quadro! Numa labareda
Eu os vi e reconheci a todos. Porém,
Intrépido, levei aos lábios a corneta,
E soprei. «Childe Roland à Torre Negra chegou.»*

— Robert Browning
«Childe Roland à Torre Negra Chegou»

*Nasci
Pistola de seis balas na mão,
atrás de uma arma
me firmarei pela última vez.*

— *Bad Company*

*Em que me tornei?
O meu amigo mais caro
Todos os que conheço
Acabam por partir
Podias ficar com tudo
O meu império de pó
Vou desiludir-te
Vou fazer-te sofrer*

— *Trent Reznor*

19

99

REPRODUÇÃO
REVELAÇÃO
REDENÇÃO
RECOMEÇO

PARTE UM

O PEQUENO REI RUBRO
DAN-TETE

CAPÍTULO 1

CALLAHAN E OS VAMPIROS

1

O *père* Don Callahan fora em tempos o padre católico de uma cidade, ‘Salem’s Lot de seu nome, que já não existe em nenhum mapa. Não é que ele se importasse muito com isso. Conceitos como o de realidade tinham deixado de ter importância para ele.

Este antigo padre segurava na mão um objeto pagão, uma pequena tartaruga talhada em marfim. Havia uma lasca no bico e um arranhão em forma de ponto de interrogação na carapaça, mas continuava a ser uma bonita peça.

Bonita e *poderosa*. Ele sentia o poder na mão como uma carga elétrica.

— Que encantadora é — sussurrou para o rapaz que estava ao seu lado. — É a Tartaruga Maturin? É, não é?

O rapaz era Jake Chambers, que dera uma grande volta para regressar quase ao ponto de partida ali em Manhattan.

— Não sei — disse ele. — Ela chama-lhe *sköldpadda* e pode ajudar-nos, mas não pode matar os durões que estão ali à nossa espera. — Fez um gesto com a cabeça para o Dixie Pig, a pensar se se referia a Susannah ou a Mia quando usou o abrangente pronome feminino *ela*. Antes teria dito que isso não importava, porque as duas mulheres estavam tão unidas. Mas agora achava que tinha importância, ou que em breve iria ter.

— Estás pronto? — perguntou Jake ao *père*, querendo dizer: *Pronto para enfrentar. Pronto para lutar. Pronto para matar.*

— Oh, estou — disse Callahan calmamente. Pôs a tartaruga de olhos sábios e carapaça arranhada no bolso da camisa, ao lado das balas suplentes de revólver que trazia, depois deu uma palmadinha na peça habilidosamente trabalhada, para se certificar de que viajaria em segurança. — Vou disparar até as balas acabarem e, se ficar sem balas antes que me matem, vou bater-lhes com... com a coronha.

A pausa foi tão breve que Jake nem reparou. Mas nessa pausa, o Branco falou com o padre Callahan. Era uma força que ele conhecia há muito tempo, mesmo em criança, embora tivesse havido alguns anos de má-fé ao longo do caminho, anos em que o seu entendimento daquela força essencial começara por se turvar e depois se perdera por completo. Mas esses dias pertenciam já ao passado, o Branco era novamente seu e ele disse obrigado a Deus.

Jake anuíá, dizendo algo que Callahan mal conseguia ouvir. E o que Jake dizia não importava. O que aquela outra voz dizia — a voz de alguma coisa

(*Gan*)

talvez grande demais para se chamar Deus — *sim*.

O rapaz tem de continuar, disse-lhe a voz. *Aconteça o que acontecer aqui, dê no que der, o rapaz tem de continuar. A tua parte na história está quase concluída. A dele, não.*

Passaram por uma placa num poste cromado (**FECHADO PARA FINS PARTICULARES**), com Oi, o amigo especial de Jake, a trotar entre os dois, de cabeça espetada e focinho que exibia o habitual sorriso de dentes arreganhados. Ao cimo dos degraus, Jake estendeu a mão para o saco de pano que Susannah-Mia trouxera de Calla Bryn Sturgis e agarrou dois pratos: os pratos de Riza. Bateu um contra o outro, assentiu ante o tilintar abafado e disse:

— Vamos ver as tuas.

Callahan levantou a *Ruger* que Jake trouxera de Calla Nova Iorque e que agora a ela regressava; a vida é uma roda e todos devemos dizer obrigado. Por um momento, o *père* encostou o cano da *Ruger* à face direita como um duelista. Depois tocou no bolso da camisa, volumoso das balas e com a tartaruga. A *sköldpadda*.

Jake anuiu.

— Quando entrarmos, ficamos juntos. Sempre juntos, com Oi no meio. Os três. E quando começarmos, não paramos.

— Não paramos.

— Exato. Estás pronto?

— Estou. Que o amor de Deus esteja contigo, rapaz.

— E contigo, *père*. Um... dois... três. — Jake abriu a porta e, juntos, penetraram na fraca luminosidade e no aroma doce e penetrante de carne assada.

2

Jake caminhou para o que tinha a certeza que seria a sua morte a pensar em duas coisas que Roland Deschain, o seu verdadeiro pai, dissera. *As batalhas que duram cinco minutos geram lendas que vivem mil anos. E: Não tens de morrer feliz quando o teu dia chegar, mas tens de morrer satisfeito, pois viveste a tua vida do início ao fim e o ka sempre foi servido.*

Jake Chambers inspecionou o Dixie Pig com a mente satisfeita.

3

E também com uma clareza cristalina. Tinha os sentidos tão aguçados que sentia não só o cheiro da carne assada, mas o do alecrim com que fora esfregada; ouvia não só o ritmo calmo da sua respiração, como o murmúrio das ondas do sangue subindo em direção ao cérebro por um lado do pescoço e descendo para o coração pelo outro.

Também se lembrava de Roland dizer que até a mais breve das batalhas, do primeiro tiro ao último corpo que cai, parecia longa para os que nela participaram. O tempo ficava elástico; esticava-se a ponto de desaparecer. Jake assentira como se tivesse compreendido, embora não fosse verdade.

Agora compreendia.

O seu primeiro pensamento foi que eram muitos... demasiados. Estimava que fossem perto de cem, a maioria sem dúvida do tipo a que o *père* Callahan chamara «homens vis». (Alguns eram mulheres vis, mas Jake tinha a certeza de que o princípio era o mesmo). Espalhados entre eles, menos corpulentos que o baixo *folken* e alguns deles esguios como armas de esgrima, de tez pálida e corpo envolto em auras azuis baças, tinham forçosamente de ser vampiros.

Oi continuava nos calcanhares de Jake, com o pequeno focinho de raposa numa expressão severa, deixando escapar um rosnado baixo.

Aquele cheiro a carne assada que pairava no ar não era de porco.

4

Três metros entre nós sempre que possível, père... Foi o que Jake disse lá fora, no passeio, e mesmo ao aproximar-se da receção, Callahan seguia à sua direita, mantendo aquela distância entre eles.

Jake também lhe pedira que gritasse o mais alto e longamente que fosse capaz, e Callahan começava a abrir a boca para o fazer quando a voz do Branco falou novamente dentro dele. Uma palavra apenas, mas foi o bastante.

Sköldpadda, disse ele.

Callahan continuava a segurar a *Ruger* encostada à face direita. Então, enfiou a mão esquerda no bolso da camisa. Não estava tão ciente da cena que tinha diante de si como o seu jovem companheiro, mas viu muitas coisas: as candeias elétricas, vermelho-alaranjadas, nas paredes, as velas de cada mesa encerradas em campânulas de vidro com um tom laranja mais vivo, como o do Halloween, os guardanapos a reluzir. À esquerda da sala de jantar, uma tapeçaria mostrava cavaleiros e as suas senhoras sentados a uma mesa comprida de banquete. Havia naquele lugar um certo ambiente — Callahan não sabia exatamente o que estava por trás dela, pois os diversos sinais e estímulos eram demasiado subtis — de gente que se recompunha após um instante de nervosismo: por exemplo, um pequeno incêndio na cozinha ou um desastre de carro na rua.

Ou uma senhora a ter um bebé, pensou Callahan enquanto fechava a mão sobre a Tartaruga. *É sempre bom para uma pequena pausa entre o aperitivo e o primeiro prato.*

— Agora vem o ka-mais de Gilead! — gritou uma voz empolgada, nervosa. Não era uma voz humana, disse Callahan tinha quase a certeza. Era demasiado *zumbida* para ser humana. Callahan viu o que parecia ser uma espécie de híbrido pássaro-humano monstruoso, parado ao fundo do salão. Usava calças de ganga direitas e uma camisa branca lisa, mas a cabeça que saía da camisa estava pintada com penas suaves de um amarelo-escuro. Os olhos pareciam gotas de alcatrão líquido.

— *Apanhem-nos!* — gritou a coisa horrivelmente ridícula, afastando um guardanapo. Debaixo deste havia uma arma de algum tipo. Callahan supôs tratar-se de um revólver, mas parecia do género que se vê no *Star Trek*. Como lhes chamavam? *Phasers?* Atordoadores?

Não importava. Callahan tinha uma arma muito melhor e quis assegurar-se de que eles a viam. Varreu dali o que estava em cima da mesa, assim como a campânula de vidro com a vela, que estava na mesa ao lado, depois puxou a toalha como um mágico a fazer um truque. A última coisa que queria era tropeçar numa toalha no momento crucial. De seguida, com uma agilidade em que não teria acreditado uma semana antes, subiu para uma das cadeiras e daí para o tampo da mesa. Uma vez em cima da mesa, levantou a *sköldpadda*, segurando com os dedos a base da peça, para que todos a vissem bem.

Podia cantarolar alguma coisa, pensou ele. *Talvez o «Moonlight Becomes You» ou «I Left My Heart in San Francisco».*

Por essa altura, estavam no interior do Dixie Pig há exatamente trinta e quatro segundos.

5

Os professores do secundário em frente de um grande grupo de alunos num anfiteatro ou numa reunião escolar dirão que os adolescentes, mesmo de banho acabado de tomar, fedem às hormonas que

os seus corpos tão afincadamente fabricam. Qualquer grupo de pessoas sob pressão emite um cheiro idêntico, e Jake, com os sentidos sintonizados para as mais finas manifestações, sentiu-o ali. Quando passaram pelo posto do *maître d'* (Central de Chantagem, era como o pai gostava de chamar a esses postos), o cheiro dos comensais do Dixie Pig era ligeiro, era o cheiro das pessoas que regressam ao normal depois de algum tipo de agitação. Mas quando a criatura-pássaro no canto ao fundo gritou, Jake sentiu nos comensais um cheiro mais intenso. Era um odor metálico, suficientemente parecido com o do sangue para incitar nela o génio e as emoções. Sim, viu o Pássaro Chilreante atirar o guardanapo para o lado; sim, viu a arma por baixo; sim, compreendeu que Callahan, que estava em cima da mesa, era um alvo fácil. Mas Jake preocupava-se muito mais com a arma engatilhada que era a boca do Pássaro Chilreante do que com isso. Jake estava a recuar o braço direito, com a intenção de atirar o primeiro dos dezanove pratos e decapitar a cabeça onde morava aquela boca, quando Callahan ergueu a tartaruga.

Não vai funcionar, aqui não, pensou Jake, mas antes que a ideia se articulasse completamente na sua cabeça, compreendeu que *estava* a funcionar. Soube-o pelo cheiro deles. A agressividade desapareceu. E os poucos que tinham começado a levantar-se das mesas (os buracos negros nas testas dos homens vis escancarados, as auras azuis dos vampiros pareciam contrair-se e intensificar-se) voltaram a sentar-se, a afundar-se nas cadeiras, como se, de repente, tivessem perdido o comando dos músculos.

— *Agarre-os, são esses, Sayre...* — E o Chilreante parou de falar. A sua mão esquerda (se é que se podia chamar mão a uma garra tão feia) tocou na coronha da arma de alta tecnologia e caiu ao lado do corpo. O brilho pareceu deixar os seus olhos. — *São esses, Sayre... S-S-Sayre...* — Outra pausa. Depois a coisa-pássaro disse: — *Oh, sai, que bela peça é essa que tem na mão?*

— *Sabes bem o que é* — disse Callahan. Jake mexia-se e Callahan, ciente do que o rapaz-pistoleiro lhe contara lá fora (*Assegure-se de que sempre que eu olhar para a direita vejo a sua cara*), desceu da mesa para acompanhar o movimento, sempre com a tartaruga no alto. Quase sentia o sabor do silêncio na sala, mas...

Mas havia *outra* sala. Um riso rouco e áspero, gritos ébrios — uma festa, a julgar pelos sons, e ali perto. À esquerda. Por trás da tapeçaria que mostrava os cavaleiros e as suas senhoras no jantar. *Passa-se alguma coisa lá atrás*, pensou Callahan, *e provavelmente não era uma noite de póquer.*

Ouviu Oi respirar depressa e baixo por entre o seu eterno sorriso, um pequeno motor perfeito. E algo mais. O som áspero de um ataque com um tilintar baixo e rápido. A combinação fez Callahan cerrar os dentes e sentir um frio na pele. Havia alguma coisa escondida por baixo das mesas.

Oi foi o primeiro a ver os insetos que avançavam e ficou paralisado, como um cão em posição de caça, uma pata erguida, o focinho empinado para a frente. Durante um momento, a única parte do seu corpo que se mexeu foi a pele do focinho, escura e aveludada, primeiro contraindo-se e revelando as agulhas cerradas dos dentes, depois relaxando e escondendo-as, para de seguida as contrair novamente.

Os insetos avançaram. Fossem lá o que fossem, a Tartaruga Maturin, erguida na mão do *père*, não tinha nenhum significado para eles. Um tipo gordo, que usava um *smoking* com lapelas de xadrez, falou com voz débil, quase interrogativa, com a coisa-pássaro:

— Não era para passarem daqui, Meiman, nem para se irem embora. Disseram-nos...

Oi investiu, com um rosnar por entre os dentes cerrados. Definitivamente, um som nada habitual nele, que fez lembrar a Callahan um balão de banda desenhada: *Grrrrrr!*

— Não! — gritou Jake, alarmado. — Não, Oi!

Os gritos e risos que vinham de trás da tapeçaria calaram-se abruptamente com o berro do rapaz, como se a gente lá atrás tivesse de súbito tomado consciência de que alguma coisa se alterara na sala da frente.

Oi nem reparou no berro de Jake. Mastigou três insetos em rápida sucessão, e o estalar das carapaças ouviu-se com terrível nitidez no recente silêncio. Oi não tentou comê-los, limitou-se a atirar para o ar os corpos, cada um do tamanho de um rato, com uma guinada do pescoço e uma abertura arreganhada de maxilares.

E os outros recuaram de novo para debaixo das mesas.

Ele foi feito para isto, pensou Callahan. *Talvez em tempos idos todos os bumblers tenham sido. Foi feito para isto da mesma maneira que algumas raças de terriers são feitas para...*

Um grito rouco vindo de trás da tapeçaria interrompeu estes pensamentos.

«*Humes!*», gritou uma voz, e logo uma segunda: «*Ka-humes!*»

Callahan teve um absurdo impulso de gritar: *Saúde!*

Antes que pudesse gritar isso ou qualquer outra coisa, a voz de Roland encheu-lhe subitamente a cabeça.

6

— Vai, Jake.

O rapaz virou-se para o *père* Callahan, atordoado. Caminhava de braços cruzados, pronto para atirar as ‘Rizas ao primeiro homem ou mulher vis que se mexesse. Oi tornara a sentar-se sobre as patas traseiras, embora balançasse ininterruptamente a cabeça de um lado para o outro e os olhos brilhassem com a perspectiva de mais presas.

— Vamos juntos — disse Jake. — Eles estão intimidados, *père!* E nós estamos perto! Levaram-na por aqui... por esta sala... depois atravessaram a cozinha...

Callahan não prestava atenção. Continuava a segurar a tartaruga ao alto (como alguém a segurar uma lanterna numa gruta) e virara-se para a tapeçaria. O silêncio que vinha de trás dela era muito mais terrível do que os gritos e o riso febril, cacarejante. Era um silêncio que lembrava uma arma apontada. E o rapaz tinha parado.

— Vai enquanto podes — disse Callahan, num esforço por manter a calma. — Alcança-a *se* fores capaz. É esta a ordem do teu *dinh*. E é também a vontade do Branco.

— Mas o *père* não pode...

— *Vai, Jake!*

Os homens e mulheres vis reunidos no Dixie Pig, hipnotizados ou não pela *sköldpadda*, murmuraram pouco à vontade quando ouviram aquele grito, e tinham razões para isso, uma vez que não era a voz de Callahan que saía da sua boca.

— *Tens esta oportunidade única e tens de a agarrar! Encontra-a! Ordeno-to como teu dinh!*

Os olhos de Jake arregalaram-se ao ouvir a voz de Roland sair da garganta de Callahan. Ficou de queixo caído. Olhou em redor, pasmado.

No segundo antes de a tapeçaria à esquerda deles ser puxada para o lado, Callahan percebeu o humor negro dela, que a princípio passaria seguramente despercebido a um olhar desatento: o assado que era o principal prato do banquete tinha uma forma humana; os cavaleiros e as suas senhoras estavam a comer carne humana e a beber sangue humano. O que a tapeçaria mostrava era uma comunhão de canibais.

Depois o povo antigo que estivera no seu próprio jantar apartou a obscena tapeçaria e irrompeu de lá, gritando por entre os grandes caninos que mantinham as bocas deformadas eternamente abertas. Tinham os olhos pretos como a cegueira, a pele das faces e da testa — e até as costas das mãos — estava cheia de tumores com dentes selvagens. À semelhança dos vampiros da outra sala de jantar, estavam cercados de auras, mas estas eram de um violeta venenoso tão escuro que era quase negro. Uma espécie de gosma escorria-lhes pelos cantos dos olhos e da boca. Tagarelavam e vários riam-se: pareciam não produzir os sons, mas antes apanhá-los do ar como algo que pudesse ser rasgado vivo.

E Callahan conhecia-os. É claro que sim. Não fora porventura enviado ali por um deles? Ali estavam os *verdadeiros* vampiros, os de Tipo Um, mantidos em segredo e libertados contra os intrusos.

A tartaruga que Callahan segurava não os fazia abrandar minimamente.

Callahan viu que Jake fitava a cena, pálido, os olhos vidrados de terror a saltarem-lhe das órbitas, esquecido todo o seu propósito perante a visão daquelas anormalidades.

Sem saber o que lhe ia sair da boca antes de o ouvir, Callahan gritou:

— *Vão matar primeiro o Oi! Vão matá-lo à tua frente e beber-lhe o sangue!*

Oi latiu ao ouvir o seu nome. Os olhos de Jake pareceram ganhar foco ao ouvir aquilo, mas Callahan não tinha tempo para acompanhar mais a sorte do rapaz.

A tartaruga não vai detê-los, mas pelo menos restringe os outros. As balas não vão detê-los, mas...

Com uma sensação de *déjà-vu* — e porque não, ele já passara por tudo aquilo em casa de um rapaz chamado Mark Petrie —, Callahan enfiou a mão na parte da frente da camisa aberta e puxou a cruz que lá usava. Esta produziu um estalido contra a coroa da *Ruger*, e ficou pendurada por baixo dela. A cruz foi iluminada por um brilhante clarão branco-azulado. As duas coisas ancestrais que vinham à frente estiveram quase a agarrá-lo e a puxá-lo para o meio delas. Agora recuavam, gritando de dor. Callahan viu a superfície da pele delas chiar e começar a liquefazer-se. A cena encheu-o de uma felicidade selvática.

— Afastem-se de mim! — gritou ele. — O poder de Deus ordena! O poder de Cristo ordena! O *ka* do Mundo Médio ordena! *O poder do Branco ordena!*

Um deles investiu mesmo assim, um esqueleto deformado que usava um fato de cerimónia antigo, incrustado de musgo. Usava uma espécie de condecoração antiga em volta do pescoço... seria a Cruz de Malta? Arremessou uma das mãos de unhas compridas para o crucifixo que Callahan segurava. Callahan puxou a cruz para baixo no último instante e a garra do vampiro passou a três centímetros dela. Callahan lançou-se para a frente sem pensar e espetou a ponta da cruz na membrana amarela que havia na testa da coisa. O crucifixo dourado entrou como um espeto incandescente em manteiga. A criatura de fato de cerimónia cor de ferrugem soltou um grito líquido de desânimo e dor e cambaleou para trás. Callahan puxou a cruz. Por um momento, antes que o monstro velho cravasse as garras na própria testa, Callahan viu o buraco que a cruz tinha feito. E depois uma coisa amarela, espessa e coalhada começou a sujar os dedos do velho

vampiro. Os joelhos deram de si e caiu no chão entre duas mesas. Os companheiros afastaram-se dele, gritando furiosos. A cara da criatura já ruía internamente, sob as mãos torcidas. A aura tremeluzia como uma vela e depois só se viu uma poça amarela de carne liquefeita, que brotava como um vômito das mangas do casaco e das pernas das calças.

Callahan caminhou vigorosamente para os outros. Já não sentia medo. A sombra de vergonha que caíra sobre ele desde que Barlow lhe tirara a cruz e a partira também desapareceu.

Enfim livre, pensou. Enfim livre, grande Deus Todo-Poderoso! Enfim estou livre! E depois: *Creio que isto é a redenção. E isso é bom, não é? Muito bom mesmo.*

— Deita isso fora! — gritou um deles, de mãos erguidas para proteger a cara. — Porcaria de bugiganga do Deus-cordeiro, deita isso fora se tens coragem!

Porcaria de bugiganga do Deus-cordeiro, ah pois. Se é assim, porque te encolhes?

Não ousara responder ao desafio quando foi Barlow a lançá-lo, e isso fora a sua desgraça. No Dixie Pig, Callahan virou a cruz para a criatura que se atreveu a falar.

— Não preciso de pôr em jogo a minha fé perante o desafio de uma criatura como tu, *sai* — disse ele, e as suas palavras ecoaram com nitidez na sala. Obrigara os antigos a recuarem quase até à arca da por onde tinham vindo. Grandes tumores negros haviam aparecido nas mãos e faces dos que seguiam à frente, corroendo o pergaminho das peles antigas como ácido. — E de qualquer modo, eu nunca deitaria fora uma amiga tão antiga. Mas *guardá-la?* Sim, se é isso que queres. — E deixou-a pender dentro da camisa.

Vários vampiros investiram imediatamente, as bocas cheias de caninos contorcendo-se no que poderiam ter sido esgares. Callahan estendeu os braços para eles. Os dedos (e o cano da *Ruger*) brilhavam, como se tivessem sido mergulhados em chamas azuladas. Também os olhos da tartaruga se encheram de luz; a carapaça luzia.

— Afastem-se de mim! — gritou Callahan. — O poder de Deus e do Branco ordenam-lhes!

7

Quando o terrível xamã se virou para enfrentar os Avós, Meiman do *tabeen* sentiu o fascínio terrível e encantador da Tartaruga enfraquecer um pouco. Viu que o rapaz tinha desaparecido, o que o encheu de desânimo, mas pelo menos embrenhara-se mais, em vez de fugir, portanto talvez estivesse tudo bem. Mas se o rapaz descobrisse a porta para Fedic e a usasse, Meiman podia ficar metido num grande sarilho. Pois Sayre respondia a Walter das Sombras e Walter respondia apenas ao próprio Rei Rubro.

Não importa. Uma coisa de cada vez. Tratar primeiro do xamã. Soltar os Avós contra ele. Depois ir atrás do rapaz, talvez a gritar que afinal o amigo o queria, isso podia funcionar...

Meiman (Homem-Canário para Mia, Pássaro Chrilreante para Jake) esgueirou-se em frente, agarrando Andrew — o gordo de *smoking* com lapelas de xadrez — com uma mão e a rapariga de Andrew, ainda mais gorda, com a outra. Fez um gesto para as costas de Callahan.

Tirana abanou a cabeça com veemência. Meiman abriu o bico e silvou para ela. Ela retraiu-se. Detta Walker já tinha posto os dedos dentro da máscara que Tirana usava e esta já lhe pendia em frangalhos à volta do maxilar e do pescoço. No meio da testa, uma ferida vermelha abria-se e fechava-se como a gueltra de um peixe a morrer.

Meiman virou-se para Andrew, largou-o o tempo suficiente para apontar para o xamã e arrastou a garra que lhe servia de mão pelo pescoço cheio de penas num gesto sombrio e muito expressivo. Andrew fez que sim com a cabeça e afastou as mãos sapudas da mulher quando elas tentaram detê-lo. A máscara de humanidade tinha qualidade suficiente para mostrar o homem vil de *smoking* espalhafatoso visivelmente a ganhar coragem. Depois saltou para diante com um grito estrangulado, agarrou Callahan pelo pescoço, não com as mãos, mas com os gordos antebraços. Nesse preciso momento, a sua miúda investiu e, a gritar, tirou a tartaruga de marfim da mão do *père*. A *sköldpadda* caiu no tapete vermelho, ressaltou debaixo de uma das

mesas (como um certo barco de papel de que alguns de vocês talvez se lembrem) e saiu desta história para sempre.

Os Avós continuavam a conter-se, tal como os vampiros de Tipo Três que tinham estado a jantar na sala pública, mas os homens e mulheres vis pressentiram fraqueza e avançaram, primeiro hesitantes, depois com crescente confiança. Cercaram Callahan, fizeram uma pausa e caíram em massa em cima dele.

— Deixem-me, em nome de Deus! — gritou Callahan, mas claro que de nada valeu.

Ao contrário dos vampiros, as criaturas com as feridas vermelhas na testa não reagiram ao nome do Deus de Callahan. E ele só podia esperar que Jake não parasse, e muito menos que desse meia-volta; só podia esperar que ele e Oi corressem como o vento em direção a Susannah. Para a salvarem, se conseguissem. Para morrerem com ela, caso contrário. E para matarem o bebé, se tivessem oportunidade. Meu Deus, mas ele enganara-se em relação ao bebé. Deviam ter tirado a vida ao bebé em Calla, quando tiveram oportunidade.

Algo lhe mordeu profundamente o pescoço. Agora os vampiros viriam, com cruz ou sem ela. Cairiam em cima dele como tubarões assim que sentissem o primeiro cheiro do seu sangue. *Ajuda-me, meu Deus, dá-me força*, pensou Callahan, e sentiu-as nascerem nele. Rolou para a esquerda quando umas garras lhe arranharam a camisa, deixando-a em farrapos. A mão direita ficou livre por um momento, e ainda segurava a *Ruger*. Apontou-a para a cara determinada, cheia de suor, congestionada pela raiva do homem gordo que se chamava Andrew e encostou o cano da arma (comprada pelo pai de Jake, um executivo da televisão bastante paranoico, num passado distante para proteger a casa) à ferida vermelha e suave no centro da testa do homem vil.

— *Nã-ooo, não te atrevas!* — gritou Tirana e, quando estendeu a mão para o revólver, a frente do seu vestido rasgou-se por fim, libertando os seios enormes. Estavam cobertos por um pelo áspero.

Callahan premiu o gatilho. O tiro da *Ruger* foi ensurdecedor na sala de jantar. A cabeça de Andrew explodiu como uma cabaça cheia de sangue, salpicando as criaturas que se tinham juntado atrás dele.

Houve gritos de horror e perplexidade. Callahan teve tempo de pensar: *Não era assim que devia ser, pois não? E: Isto bastará para eu entrar no clube? Já serei um pistoleiro?*

Talvez não. Mas havia o Homem-Pássaro, que estava mesmo à frente dele entre duas mesas, com o bico a abrir e a fechar e a garganta a pulsar visivelmente de nervosismo.

A sorrir, apoiado num cotovelo enquanto o sangue lhe saía da garganta rasgada e caía para o tapete, Callahan ajustou a posição da *Ruger* de Jake.

— *Não!* — gritou Meiman, levando as mãos deformadas ao rosto num gesto de proteção completamente vão. — *Não, NÃO PODES...*

Posso, sim, pensou Callahan com uma alegria infantil, e disparou novamente. Meiman recuou dois passos trôpegos, depois um terceiro. Bateu numa mesa e caiu em cima dela. Três penas amarelas pairaram no ar acima dele, ondulando preguiçosamente.

Callahan ouviu uivos selvagens, não de raiva nem de medo, mas de fome. O aroma do sangue penetrara finalmente nas narinas cor de jade dos antigos e agora nada iria detê-los. Portanto, se não queria juntar-se a eles...

O *père* Callahan, em tempos padre Callahan de 'Salem's Lot, virou o cano da arma contra si próprio. Não perdeu tempo à procura da eternidade na escuridão do cano, antes, empurrou-o com força contra a parte de baixo do queixo.

— Salve, Roland! — disse ele, e soube

(a onda eles são erguidos pela onda)

que foi ouvido. — Salve, pistoleiro!

O dedo fez pressão no gatilho quando os monstros antigos caíram sobre ele. Callahan sentiu-se sufocado pelo fedor do hálito deles, frio e destituído de sangue, mas não se sentiu intimidado. Nunca se sentira tão forte. Durante todos os anos da sua vida, nunca fora tão feliz como quando era um simples andarilho, não um padre mas apenas Callahan das Estradas, e sentiu que não tardaria a ser livre para retomar aquela vida e vaguear como bem entendesse, cumpridos os seus deveres, o que era bom.

— Possas tu encontrar a tua Torre, Roland, e entrar nela, e possas *subir até ao cimo!*

Os dentes dos velhos inimigos, aqueles antigos irmãos e irmãs de uma coisa que dissera chamar-se Kurt Barlow, penetraram nele como ferrões. Callahan nem sequer os sentiu. Estava a sorrir quando premiu o gatilho e fugiu deles para sempre.